

EMBAIXADA DO BRASIL EM PORTO PRÍNCIPE

RELATÓRIO DE GESTÃO

EMBAIXADOR FERNANDO DE MELLO VIDAL

A presente versão simplificada de meu relatório de gestão está dividida em sete partes, que tratam dos temas mais importantes da atividade-fim executada pela Embaixada, desde agosto de 2015, quando assumi, até o momento atual.

- A MINUSTAH E A LIDERANÇA DO BRASIL

2. A MINUSTAH, missão militar da ONU criada pela Resolução nº 1542, de 30 de abril de 2004, do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com base no Capítulo VII da Carta da ONU (intervenção para restabelecer a segurança, a ordem ou a paz), teve como objetivo principal restaurar a ordem e pacificar o Haiti, que vivia momentos violentos, após os incidentes de fevereiro de 2004, que levaram a um estado de quase guerra civil e à queda do Presidente Jean-Bertrand Aristide.

3. A força da ONU aumentou seu contingente após o terremoto de 2010. Chegou a ter 8.940 militares no país. O Brasil sempre teve o maior contingente militar, em números que variaram e que chegaram a 2400, de um total de 7000 soldados internacionais, após o terremoto. O Brasil também sempre teve a liderança de todas as tropas. A MINUSTAH foi a mais latino-americana das missões de paz da ONU, porque mais da metade de seus integrantes eram do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, Paraguai, Peru e Uruguai.

4. Assumi em momento de redução de contingentes militares e de progressiva transferência de responsabilidades para a PNH, a Polícia Nacional do Haiti. As discussões sobre a saída da MINUSTAH tinham necessariamente de incluir a capacidade da PNH de assumir plenamente o espaço a ser deixado pela saída dos capacetes azuis e dos policiais da ONU. Com apoio da própria ONU, mas principalmente dos Estados Unidos e do Canadá, a PNH cumpriria esse objetivo, para alcançar a meta de quinze mil agentes policiais treinados e formados, número considerado como o mínimo necessário para garantir a ordem em todo o território haitiano.

5. Em Nova York, o Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu que 15 de outubro de 2017 seria o último dia da

MINUSTAH no Haiti. Na noite de domingo, 8 de outubro de 2017, no Aeroporto Toussaint Louverture de Porto Príncipe, despedi o último grupo de 152 militares brasileiros do 26º Contingente Militar da MINUSTAH.

6. Terminou, assim, a histórica e bem-sucedida presença das forças armadas brasileiras neste país, iniciada em junho de 2004, uma missão militar que transcendeu o aspecto puramente militar, que colocou para sempre o Haiti no radar do Brasil, o Brasil no radar do Haiti e no de outros parceiros estratégicos do Haiti, como os Estados Unidos, o Canadá, a França e a União Europeia.

7. Em treze anos, mais de 37 mil soldados brasileiros foram enviados ao Haiti. Dezoito morreram no devastador terremoto de 12 de janeiro de 2010. Outros seis morreram por causas diversas. Felizmente, nenhum morreu em operações militares de patrulhamento de ruas ou em confrontos armados contra gangues, apesar de terem sido expostos a situações de risco extremo.

- O "CORE GROUP" E O PANORAMA POLÍTICO

8. A Resolução nº 1542, de 30 de abril de 2004, do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que criou a MINUSTAH como força multilateral e militar de paz, determinou que haveria também apoio ao processo constitucional e político haitiano, ao processo de diálogo e à reconciliação nacional, assim como à organização, supervisão e realização das eleições municipais, parlamentares e presidenciais.

9. O chamado "Core Group", cuja tradução equivaleria a algo como "um grupo reduzido de países selecionados", seria o braço político e civil da MINUSTAH, que trabalharia pela pacificação, pela intermediação de contatos, pela persuasão e pelo consenso entre as partes políticas em conflito. O grupo deliberava e se manifestava publicamente por meio de notas à imprensa, sempre com forte repercussão.

10. Pela relevância de sua presença militar e pela liderança das tropas, o Brasil obteve o direito de participar do grupo, ao lado de poucos outros países: Estados Unidos, Canadá, França, Espanha, OEA, União Europeia, além do próprio Representante Especial do Secretário-Geral da ONU (na sigla SRSG), o mais alto cargo da ONU no Haiti.

11. O "Core Group" serviu como instrumento eficaz de acompanhamento do panorama político, conturbado pela ausência de eleições. Historicamente, os períodos eleitorais

no Haiti são associados a instabilidade política e a violência.

12. Assumi a Embaixada quatro dias antes das eleições gerais de 2015. Seriam as primeiras do Governo do presidente Michel Martelly (2011-2016). Se exitosas, marcariam o retorno do país à ordem constitucional e democrática. O Parlamento encontrava-se disfuncional desde 12 de janeiro de 2015, por expiração dos mandatos parlamentares. O Presidente governava por decreto. O Conselho Eleitoral Provisório havia aprovado o seguinte calendário eleitoral:

- 9/8/2015: 1º turno das eleições legislativas;
- 25/10/2015: 2º turno das eleições legislativas, 1º turno das eleições presidenciais e turno único das eleições municipais e locais;
- 27/12/2015: 2º turno das eleições presidenciais; e
- 17/1/2016: posse do Presidente eleito.

13. Cerca de 5,8 milhões de eleitores, mais da metade de uma população estimada em 10,3 milhões, foram chamados às urnas, para escolher novos deputados e dois terços do Senado, além de 140 prefeitos. 1855 candidatos de 150 partidos disputavam as 139 cadeiras no Parlamento: 119 na Câmara dos Deputados; 20 no Senado.

14. As eleições representavam enorme desafio para as forças de segurança que operavam no Haiti: os agentes da Polícia Nacional do Haiti (PNH), e os soldados e policiais da MINUSTAH, que auxiliaram na logística da distribuição de material eleitoral em todo o país e que estavam prontos para intervir, caso chamados pela PNH. Forte esquema de segurança havia sido montado em todo o país.

15. Felizmente, cerca de 96% dos 1500 locais de votação registraram jornada normal e pacífica. Problemas de logística, de irregularidades e episódios de violência foram registrados em poucos centros de votação, puderam ser controlados pela própria PNH ou pela UNPOL, sem necessidade de intervenção dos soldados da ONU, e serviram de experiência à PNH para corrigir erros no segundo turno e nas eleições presidenciais, que se realizariam em 25 de outubro.

16. Os resultados eleitorais indicaram o que viria a ser a futura composição do Parlamento haitiano, sobretudo na Câmara baixa, com franca maioria para o partido PHTK, do então presidente Michel Martelly. Os resultados contribuíram para aumento da instabilidade política. Grande número de partidos políticos interpôs recursos junto aos tribunais

eleitorais. Os recursos atrasaram a divulgação dos resultados, o que, por sua vez, agravou o clima de instabilidade política e contribuiu para aumento de denúncias de fraude eleitoral.

17. As eleições de outubro de 2015, que apontaram Jovenel Moïse como vencedor do primeiro turno presidencial, transcorreram dentro da mais absoluta normalidade. Jovenel Moïse era o candidato do PHTK e do presidente Michel Martelly. No entanto, as eleições provocaram grave crise político-eleitoral, por razões diversas relacionadas à complexidade do sistema político-eleitoral haitiano e às inúmeras denúncias de fraude eleitoral, nunca comprovadas. Dramáticos episódios de violência em todo o país, sobretudo em Porto Príncipe, obrigaram o Conselho Eleitoral Provisório a adiar o segundo turno presidencial, que tinha Jovenel Moïse como favorito. Uma Comissão de Avaliação Eleitoral (CEEI), especialmente designada para apurar as denúncias de fraude, optou por anular toda a eleição presidencial.

18. Missões de observadores internacionais (MOE) da OEA e da União Europeia atestaram a normalidade das eleições haitianas. A MOE/UE declarou que as eleições haitianas estavam conforme as normas internacionais, e que as irregularidades encontradas não comprometiam o resultado final. A MOE/UE decidiu encerrar seus trabalhos no Haiti, em protesto pela anulação das eleições.

19. O presidente Michel Martelly ameaçou não deixar a Presidência, no dia 7 de fevereiro de 2016, se não tivesse substituto. Em encontros com o Core Group, alegava que haveria um conflito civil, decorrente de vazio de poder, e que ele seria irresponsável se abandonasse a Presidência naquele contexto de elevada instabilidade.

20. Quando faltavam 24 horas para o fim do mandato do Presidente Martelly, foi finalmente possível obter acordo entre os poderes Executivo e Legislativo, com vistas à continuidade institucional, ameaçada pela inexistência de Presidente-eleito. O chamado Acordo Político de 5 de Fevereiro de 2016 foi assinado pelos Presidentes da República, do Senado e da Câmara dos Deputados. O acordo estabeleceu a seguinte sequência de atos:

a) na Assembleia Nacional, no dia 7 de fevereiro, o Presidente da República se dirigiria à Nação para comunicar o fim de seu mandato e a ausência de Presidente-eleito.

b) O Conselho de Ministros, presidido pelo Primeiro-Ministro, governaria até a posse de um novo Presidente.

c) Em cinco dias, a Assembleia Nacional escolheria um Presidente interino, que governaria durante 120 dias.

d) O Presidente interino realizaria consultas com partidos políticos, com os presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados e com setores da sociedade, para a escolha de novo Primeiro-Ministro.

f) O Presidente interino cuidaria da reorganização do Conselho Eleitoral Provisório (CEP). Este acataria as recomendações da Comissão de Avaliação Eleitoral (CEEI) e organizaria novas eleições, marcadas para 24 de abril de 2016, para que o Presidente-eleito fosse empossado no dia 14 de maio de 2016.

21. Ninguém apostaria que, em poucos dias, haveria um presidente interino, que permaneceria apenas 120 dias no cargo; que em 24 de abril de 2016 seria realizado o segundo turno presidencial, e que em 14 de maio haveria, finalmente, um presidente-eleito. O erro do Acordo Político de 5 de fevereiro foi o de estabelecer prazos muito curtos, para metas muito ambiciosas.

22. A Assembleia Nacional cumpriu o estabelecido no Acordo Político e elegeu o presidente do Senado, Jocelerme Privert, para ocupar provisoriamente a Presidência da República, a partir de 14 de fevereiro de 2016. Como não houve tempo para reorganizar todo o processo eleitoral, senadores da base de apoio a Privert defenderam que deveria ele manter-se no cargo, até que a Assembleia Nacional decidisse sobre o Acordo de 5 de fevereiro. Com apoio de metade do Senado, Privert permaneceu no cargo, à espera e na esperança de que últimas costuras em negociações parlamentares prorrogassem o seu mandato, até a posse de um presidente eleito.

23. O "Core Group", que se reunira com o presidente Jocelerme Privert diversas vezes durante a mais nova crise, pronunciou-se formalmente, para pedir ao Parlamento que assegurasse a continuidade institucional e evitasse vácuo de poder.

24. No dia 20 de julho de 2016, mesmo sem definição parlamentar sobre a extensão de seu mandato, o presidente Jocelerme Privert assinou decreto que convocou eleições legislativas parciais e presidenciais, em dois turnos, para

os dias de 9 de outubro de 2016 e 8 de janeiro de 2017. O presidente-eleito assumiria na data constitucional de 7 de fevereiro de 2017.

25. No entanto, em 4 de outubro de 2016, apenas cinco dias antes do primeiro turno, o furacão "Matthew", de categoria 5, a máxima na escala, devastou a península sul do Haiti. Além de causar centenas de vítimas fatais e de feridos, destruiu 30% da infraestrutura eleitoral, centros de votação, sedes dos tribunais eleitorais municipais e departamentais e delegacias de polícia, o que tornou inevitável o adiamento das eleições. O Conselho Eleitoral Provisório anunciou novas datas: 20 de novembro para o primeiro turno das eleições presidenciais e segundo turno das legislativas parciais (seis senadores e 25 deputados); 29 de janeiro de 2017 para o segundo turno presidencial, se houvesse.

26. No dia 3 de janeiro de 2017, o Conselho Eleitoral Provisório (CEP) confirmou a vitória de Jovenel Moïse, do partido PHTK, do ex-Presidente Michel Martelly. Moïse ganhou as eleições de 20 de novembro de forma incontestável, já no primeiro turno, com 55,60% dos votos (590.927 votos). Foi seguido por Jude Célestin (LAPÉH, 19,57%, 207.988), Jean-Charles Moïse (P'tit Dessalines, 11,04%, 117.349) e Maryse Narcisse (Fanmi Lavalas, 9,01%, 95.765), candidatos que nunca reconheceram a vitória de Jovenel Moïse.

27. Em 7 de fevereiro de 2017, Jovenel Moïse tomou posse como o 58º Presidente do Haiti. Prometeu unir as oposições em torno de um ideal comum para o país. Moïse acreditou que a confirmação de sua vitória eleitoral o legitimaria perante as oposições mais radicais que, desde o processo eleitoral de 2015, haviam sabotado o candidato do PHTK.

28. A maioria alcançada pelo PHTK na nova conformação do parlamento haitiano conferia ao presidente-eleito Jovenel Moïse condições excepcionalmente positivas para estabelecer seu gabinete de governo com rapidez e liderar uma agenda legislativa ambiciosa. Desde a restauração da democracia, em 1987, apenas em uma ocasião, com Jean-Bertrand Aristide, em 2001, pôde o presidente contar com maioria em ambas as casas legislativas no início de seu mandato.

29. O "Core Group" congratulou o povo haitiano pela paciência e determinação na escolha de seu líder e em seu compromisso com a democracia e o processo eleitoral, que havia começado quase dois anos antes. Para o grupo, a posse presidencial marcava um passo decisivo no retorno à ordem constitucional

e uma oportunidade para união entre todos os setores da sociedade, com vistas ao enfrentamento dos maiores desafios.

30. Ao assumir, o Presidente Moïse não ignorava os enormes desafios políticos, econômicos e sociais que seu Governo enfrentaria, e que, até o presente momento, não conseguiu superar. Um quadro muito sombrio no setor econômico agravou-se com a devastação causada pelo furacão "Matthew".

31. Jovenel Moïse iniciou seu mandato com forte base aliada no Parlamento, mas não poderia iludir-se de que receberia apoio de deputados e senadores para iniciativas impopulares. Ainda que recebesse apoio parlamentar, este lhe seria cobrado mais tarde. Do mesmo modo, o Presidente não poderia esperar apoio de setores importantes da sociedade, como o empresarial, para mudanças que desejava introduzir em setores estratégicos, como o da geração de eletricidade, o que afetaria monopólios tradicionais que, no Haiti, beneficiam poucos, em detrimento de muitos.

32. O Presidente empreendedor desejava transformar o país em um canteiro de obras. Iniciou o programa "Caravana da Mudança", de inauguração de canais de irrigação na agricultura e entrega de equipamentos agrícolas às prefeituras (com isso, comprometeu seriamente as finanças públicas). Decidiu devolver ao povo símbolos históricos do Haiti, recriando as forças armadas haitianas, previstas na Constituição, e reconstruindo o Palácio Nacional, destruído pelo terremoto de 2010.

33. Em 2018, o Haiti não foi transformado em um canteiro de obras, mas em palco de violentas manifestações populares, que derrubaram o primeiro-ministro, Jack Guy Lafontant, e por pouco não derrubam o próprio presidente. Desde o início de 2018, o FMI aconselhava o Governo a iniciar redução gradual dos subsídios aos combustíveis, o que implicaria aumentos dos preços da gasolina, do óleo diesel e do querosene de iluminação caseira. O Governo preferiu autorizar um único aumento, de mais de 50%, e escolheu o dia 6 de julho de 2018, porque acreditou que reduziria tensões uma eventual vitória da seleção brasileira de futebol contra a Bélgica, na Copa do Mundo da Rússia.

34. A notícia do forte aumento de preços dos combustíveis e a derrota do Brasil acirraram os ânimos da população, que saiu às ruas, durante três longos dias, 6, 7 e 8 de julho, para destruir e incendiar o que via pela frente. O aumento dos combustíveis foi suspenso. Desde julho de 2018, o país não encontrou mais paz.

35. Em setembro de 2018, sem apoio parlamentar, caiu o primeiro-ministro, Jack Guy Lafontant. Em outubro e novembro, foram realizadas novas manifestações, organizadas pela oposição, supostamente financiadas por empresários com ambição política ou interesses contrariados. Juntam-se aos manifestantes os integrantes do movimento "Petrochallengers", que pedem esclarecimento sobre os destinos dos recursos financeiros do Fundo Petrocaribe, pelo qual a Venezuela financiou projetos sociais no Haiti, com venda de petróleo a preços reduzidos. Empresas do presidente Jovenel Moïse foram citadas pela Corte de Contas, como beneficiárias irregular de recursos do Petrocaribe.

36. Em fevereiro de 2019, violenta manifestação popular, seguida de semanas de paralisação e bloqueio de vias, deixou o país sem água, alimentos básicos e combustíveis para veículos e geradores. Bancos e comércio fecharam, assim como postos de gasolina, escolas e repartições públicas. A Embaixada do Brasil e outras tiveram de evacuar seus funcionários. Saqueadores tomaram conta das ruas, o que aumentou consideravelmente o clima de insegurança.

37. Em comum a todos os manifestantes estava o pedido de afastamento do Presidente da República que, na visão dos manifestantes, seria incompetente, dilapidador de recursos públicos e corrupto ao se beneficiar dos recursos do Petrocaribe. Seria, portanto, pessoalmente responsável pela atual crise política, econômica e social haitiana.

38. Em apenas dois anos e meio de mandato, o Presidente Jovenel Moïse busca aprovação parlamentar para o seu quarto Primeiro-Ministro, Fritz William Michel. Enquanto isso, governa o primeiro-ministro anterior, Jean-Michel Lapin, nunca aprovado pelo Parlamento, mas que permanece no cargo, informalmente, para evitar crise maior.

39. É certo que esta mais recente crise política tem origens nas manifestações de julho de 2018, mas deve-se buscar no processo eleitoral de 2015 a causa da atual instabilidade e de uma forte polarização política. A oposição que hoje busca derrubar o Presidente Jovenel Moïse é a mesma que recusou os resultados das eleições de 2015, o que contaminou o ambiente político e ameaça o mandato do Presidente da República.

- RELAÇÕES EXTERNAS

40. Para os Estados Unidos vai a imensa maioria dos emigrantes haitianos. Calcula-se que vivem hoje nos Estados Unidos cerca de 1,1 milhão de haitianos e haitiano-

americanos, responsáveis por remessas que alcançam cerca de metade dos US\$ 3 bilhões por ano enviados pela diáspora haitiana a suas famílias no Haiti. Para os Estados Unidos vai a maior parte da corrente de comércio, cerca de 80% das exportações haitianas e 98% das exportações de têxteis. Os projetos de cooperação dos EUA no Haiti somam US\$ 3 bilhões desde 2010, ano do terremoto. O apoio dos EUA ao fortalecimento da Polícia Nacional Haitiana soma US\$ 250 milhões, desde o terremoto.

41. Taiwan perde espaço no Caribe e busca preservar os laços oficiais com o Haiti, com projetos de cooperação, com muitas bolsas de estudo e com apoio financeiro direto ao tesouro haitiano. Jovenel Moïse visitou Taiwan em 2018 e trouxe de volta importante acordo de investimentos no setor elétrico, no valor de US\$ 150 milhões, à espera de aprovação parlamentar.

42. O Canadá é importante parceiro do Haiti, pelo seu poder econômico, pelos seus projetos de cooperação - US\$ 270 milhões desde 2016 - e porque, assim como os EUA, acolhe em seu território parte significativa da diáspora haitiana. Haitianos ameaçados de deportação nos EUA buscam cruzar a fronteira terrestre com o Canadá.

43. A França possui importante Instituto Cultural em Porto Príncipe e uma Aliança Francesa em Jérémie. Busca preservar no Haiti o idioma francês e a "francofonia", mas enfrenta a expansão e o domínio cada vez maiores do créole. O francês e o créole são ambos idiomas oficiais, segundo a última Constituição, de 1987.

44. O Haiti tem dívida de gratidão com a Venezuela, que brindou este país e outros do Caribe e América Central com o Petrocaribe, programa de venda de petróleo a preços reduzidos e apoio a projetos sociais. A Venezuela foi o primeiro país a desembarcar no Haiti, no dia seguinte ao do terremoto de 12 de janeiro de 2010. O apreço haitiano pela Venezuela vinha sendo confirmado nas sessões da OEA que tratam da situação venezuelana. No entanto, a partir de 2018, o Presidente Jovenel Moïse iniciou processo de distanciamento da Venezuela. Em junho de 2018, durante a 48ª Assembleia-Geral da OEA, a delegação haitiana se absteve, em votação que buscava suspender a Venezuela daquela Organização. Em 10 de janeiro de 2019, o Haiti apoiou na OEA a resolução CP/Res 1117 (2200/19), adotada em sessão extraordinária do Conselho Permanente, a qual, entre outras disposições, avaliou como ilegítimo o mandato presidencial de Nicolás Maduro. Em março de 2019, o Presidente Donald

Trump recebeu em sua residência de Mar-a-Lago os líderes do Haiti, das Bahamas, da República Dominicana, da Jamaica e de Santa Lúcia, um gesto, segundo nota da Casa Branca, para demonstrar a "amizade e o agradecimento pelo apoio desses países à paz e à democracia na Venezuela".

45. A história recente da relação bilateral Haiti - República Dominicana é marcada por movimentos pendulares de distanciamento e de aproximação. A República Dominicana é importante parceiro comercial do Haiti. A relação foi profundamente afetada pela Sentença nº 168, de 25 de setembro de 2013, do Tribunal Constitucional da RD, que consolidou parte da jurisprudência de 2005 da Suprema Corte de Justiça, ao reafirmar que filhos de estrangeiros em situação irregular ou em trânsito, nascidos no território dominicano, não têm direito à nacionalidade local. Desde então, aumentaram consideravelmente as deportações de haitianos (52 mil, de janeiro a junho deste ano). Num gesto de reaproximação, Jovenel Moïse visitou a República Dominicana, ainda como presidente-eleito, mas não tem podido dedicar-se ao vizinho, recentemente, em função da severa crise política no Haiti.

- A COOPERAÇÃO BRASILEIRA NO HAITI

46. A cooperação entre o Brasil e o Haiti está amparada pelo Acordo Básico de Cooperação Técnica e Científica, de 1982. São os seguintes os dois projetos de maior envergadura do Brasil no Haiti:

a) Construção de centros de formação profissional, em Les Cayes (sul), Saint-Marc (centro) e Fort Liberté (norte), em parceria com o Instituto Nacional de Formação Profissional (INFP) do Haiti, o SENAI e o PNUD.

b) Reforço da Gestão dos Serviços e do Sistema de Saúde no Haiti: manutenção de três hospitais comunitários de referência (HCR), em parceria com o Ministério da Saúde Pública e População (MSPP) e o Ministério da Saúde do Brasil, projeto que inclui, para além dos hospitais, ações de suporte à saúde pública no Haiti, como a construção de um Instituto de Reabilitação Fisioterápica e de um laboratório de próteses, de moderno centro de ambulâncias em Porto Príncipe, depósitos de vacinas em Fort Liberté (norte), Port de Paix (noroeste) e Jérémie (sul), a reforma completa do centro cirúrgico do Hospital público Saint-Antoine, em Jérémie, e a formação de 1500 agentes comunitários haitianos.

47. São os seguintes os demais projetos de cooperação, em curso e em negociação:

a) Revitalização da cultura do algodão no Haiti, dizimada nos anos oitenta, em cooperação técnica trilateral (Brasil-FAO-Haiti), com a EMBRAPA como agência executora.

b) Fortalecimento Institucional da Infraestrutura de Qualidade no Haiti, projeto assinado entre o Instituto Nacional de Metrologia (INMETRO) e o Bureau Haitiano de Normalização (BHN), para capacitação de técnicos haitianos em aplicação de normas técnicas, dentre outras atividades.

c) Cultura do Coqueiro Anão Verde: introdução no país da conhecida espécie brasileira, abundante no litoral do Espírito Santo, conhecida por sua resistência a pragas e por sua altíssima produtividade anual de um coco muito nutritivo, que poderia alimentar a população local. A espécie haitiana tem sido atacada pela praga "Amarelo Letal". Uma primeira missão de prospecção foi realizada entre os dias 19 e 25 de janeiro de 2019, integrada por funcionários da ABC/MRE e da Embaixada e pelo Professor Doutor Antonio Decarlos Neto, da Universidade Federal de Lavras (UFLA), MG. Documento de projeto deverá ser preparado no Brasil e submetido à consideração do Ministério da Agricultura.

d) Capacitação em Elaboração e Operacionalização de Planejamento Estratégico para o Trabalho nas Prisões do Haiti, projeto assinado pelo Departamento Penitenciário Nacional, DEPEN, do Ministério da Justiça, e pela Direção de Administração Penitenciária do Haiti. Em outubro de 2018, uma missão haitiana visitou unidades prisionais do Brasil, em Curitiba, Florianópolis e Chapecó, para conhecer o sistema de oficinas de trabalho implementado pelo DEPEN em prisões de Santa Catarina.

- A POLÍTICA MIGRATÓRIA BRASILEIRA PARA CIDADÃOS HAITIANOS

48. O Setor Consular da Embaixada cumpriu com rigor instrução recebida em 2015, que transmitia determinação da Presidência da República, no sentido de serem concedidos ao menos dois mil vistos humanitários por mês a cidadãos haitianos. O Governo Federal reagia ao caos instalado no Acre, com a entrada desordenada, pela fronteira com a Bolívia, de milhares de haitianos, sem visto brasileiro.

49. A nova e inédita política de vistos, confirmada em 2017 com legislação brasileira específica para haitianos, reforçou nossa tradição secular de acolher imigrantes, criou vínculo permanente entre o Brasil e o Haiti, ao contribuir

para o surgimento de uma comunidade haitiana no Brasil e de uma nova geração de filhos brasileiros de haitianos.

50. Em julho de 2015, O Governo brasileiro e a Organização Internacional para as Migrações assinaram acordo para prestação pela OIM de serviços pré-consulares. Desde então, o acordo vem sendo renovado anualmente.

51. O total de vistos humanitários e de reunião familiar concedidos desde 2012 cresceu vertiginosamente, em especial nos anos de 2015 e 2016, conforme se registra a seguir: 2012: 1.404 vistos; 2013: 5.186; 2014: 6.994; 2015: 17.150; 2016: 18.989; 2017: 12.252; 2018: 9.015; 2019: 5.106 (até 31 de agosto); Total: 79.348.

52. Estima-se ser mais de cem mil o número de haitianos que se estabeleceram no Brasil, sobretudo nos estados do sul. A continuidade da concessão dos vistos humanitários e de reunião familiar a título de acolhida humanitária passou a ser feita ao abrigo da Lei nº 13.445, de 24/05/2017, em vigor desde 21/11/2017. A Portaria Interministerial nº 10, de 6 de abril de 2018, autorizou a concessão do visto temporário e da autorização de residência para fins de acolhida humanitária para cidadãos haitianos e apátridas residentes na República do Haiti.

- ECONOMIA, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

53. O Haiti é o país mais pobre das Américas. Pesquisa do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), divulgada pelo PNUD, em setembro de 2018, aponta que 58% da população vive abaixo da linha de pobreza (US\$ 2,41/dia), 25% abaixo da linha de pobreza extrema (US\$ 1,33/dia). O Haiti é um dos países mais desiguais do mundo, com um índice de Gini de 0,61 (2012).

54. De acordo com dados do Banco Mundial, o Produto Interno Bruto (PIB) haitiano, até 2018, equivalia a US\$ 9,6 bilhões, com PIB per capita de cerca de US\$ 846.00. A média anual de crescimento do PIB foi de 1,3%, entre 2015 e 2018, segundo indicadores do Instituto Haitiano de Estatística e Informática (IHSEI, na sigla em francês). Estima-se que, para a superação da pobreza estrutural enfrentada pelo país, essa taxa deveria alcançar ao menos 5% anuais.

55. Se, em 2018, o crescimento do PIB foi de 1,5%, para 2019 o percentual previsto é da ordem de 0,5%. O Banco da República do Haiti (BRH) avalia que o resultado deve-se, sobretudo, ao impacto da instabilidade política, que paralisa a atividade econômica e desestimula a atração de investimentos. O BRH considera também a influência adversa

de fatores climáticos sobre o setor agrícola, que, apesar da baixa competitividade e da carência de equipamentos e insumos, mantém-se como a principal força motriz da economia e responde por cerca de 20% do PIB anual.

56. Segundo dados do BRH, referentes ao terceiro trimestre do exercício fiscal 2018-2019, a taxa anual de inflação, que tem rompido recordes históricos em 2019, atingiu 18,6% - maior valor dos últimos dez anos - no acumulado até junho. A escalada inflacionária, somada à redução da oferta de alimentos em razão da crise agrícola, tem provocado grave crise alimentar.

57. A degradação da agricultura e da produção manufatureira local, agravada a partir dos anos oitenta, implica marcada dependência de importações, em praticamente todos os setores. O país tem acumulado déficits comerciais. Nos primeiros seis meses de 2019, o saldo negativo alcança US\$ 1,59 bilhão (US\$ 2,15 bilhões em exportações e US\$ 561,7 milhões em importações), valor 7,3% inferior em relação ao mesmo período de 2018. O saldo negativo é parcialmente compensado por remessas recebidas da diáspora haitiana, que alcançaram US\$ 1,48 bilhão no primeiro semestre de 2019. No entanto, o aumento da entrada de remessas e as intervenções do BRH no mercado de câmbio não têm sido suficientes para contrarrestar a desvalorização da moeda local, o gourde haitiano (HTG), frente ao dólar norte-americano, que chegou a 17% de janeiro a agosto de 2019. A taxa de conversão, até agosto, está em US\$ 1.00 = HTG 93,00 e se aproxima perigosamente da temida cifra de três dígitos.

58. As receitas fiscais sofreram queda expressiva em 2019, sobretudo em razão da paralisação da atividade econômica, por mais de duas semanas, durante os distúrbios de fevereiro último. No terceiro trimestre deste ano, as receitas fiscais ficaram em HTG 16,1 bilhões, o que representa baixa de 16,4% em relação ao trimestre anterior. O endividamento externo, que vinha em trajetória ascendente entre 2010 e 2017 (de US\$ 863 milhões para US\$ 2,13 bilhões), sofreu ligeira baixa em 2018 (US\$ 2,12 bilhões). De longe, o principal credor haitiano é a Venezuela (US\$ 1,8 bilhão), no marco do programa "Petrocaribe" de facilitação de crédito para aquisição de combustível, vigente entre 2008 e 2018.

59. Segundo o site "Trademap", cujos dados, atualizados até 2017, também são utilizados como referência pelo Ministério de Comércio e da Indústria local, os Estados Unidos mantêm-se como o principal parceiro comercial do Haiti. Os EUA responderam por cerca de 30% das importações totais e

adquiriram 56,5% das exportações haitianas. Entre os principais exportadores para o Haiti, após os EUA, estão a China, Curaçao, a República Dominicana, a Índia e a Turquia. Além dos EUA, os maiores compradores de produtos haitianos foram a França, o Canadá, a Tailândia e a Espanha. O Brasil ocupa a 11ª posição dentre os exportadores para o Haiti. De acordo com o MDIC, no acumulado de 2018, o Brasil exportou um total de US\$ 44,82 milhões e importou US\$ 298,53 mil do Haiti, o que lhe valeu a 29ª posição entre os importadores de produtos haitianos.

60. Segundo o BRH, o investimento estrangeiro direto, até 2018, chegou a US\$ 1,85 bilhão, com média, nos últimos nove anos, de US\$ 155 milhões por ano, valor muito aquém daqueles recebidos por outros países do Caribe, e insuficiente para dinamizar a geração de empregos ou a construção de infraestrutura.

61. Há interesse, renovado periodicamente, do setor têxtil haitiano em estabelecer parceria com o Brasil. Haveria interesse brasileiro em aproveitar as preferências comerciais concedidas pelos Estados Unidos ao Haiti, plataforma de exportações de produtos têxteis para os EUA. Em 2013, após missão da APEX a este país, foi elaborada avaliação inicial, e assinado Memorando de Entendimento com a SONAPI, "Société Nationale des Parcs Industriels", ainda sem resultados concretos.

62. Minha gestão empenhou-se na negociação de Memorando de Entendimentos entre a ANAC e seu equivalente haitiano, o Office National de l'Aviation Civile (OFNAC), o qual foi assinado em 2018. O instrumento facultará a empresas de ambos os países a exploração de voos entre o Brasil e o Haiti, na rota Porto Príncipe - Manaus.

63. Oportunidades para o Brasil no Haiti surgem também no setor de energia renovável. Considerando o déficit energético do país como um dos maiores entraves ao desenvolvimento, pois somente 25% da população do país têm acesso à energia elétrica, o Presidente Jovenel Moïse lançou em 2017 o ambicioso projeto "24 horas por dia em 24 meses". Caso não tivesse sido frustrado pelo esgotamento de recursos financeiros e pela forte instabilidade política, o projeto pretendia levar energia ininterrupta à população em todo o país.

- PROMOÇÃO CULTURAL

64. Assim como o Brasil, o Haiti é um país de contrastes, palco propício para as artes em geral. Aqui, a pobreza

material da nação contrasta com a riqueza cultural de seu povo. Essa riqueza vibrante manifesta-se em diversas formas de expressão artística, sobretudo no domínio das artes plásticas e do artesanato - cuja qualidade é reconhecida internacionalmente - da escultura e da literatura.

65. Ressalto o grande interesse que a cultura brasileira desperta na sociedade haitiana, tanto em segmentos da classe média urbana intelectualizada, quanto em camadas populares. Observa-se a admiração local pela nossa música, tocada frequentemente nas estações locais de rádio, e na idolatria de haitianos de todas as idades pela camisa verde-amarela.

66. O Setor Cultural da Embaixada buscou aproveitar esse contexto favorável e trabalhou sempre em estreita sintonia com o Centro Cultural Brasil - Haiti (CCBH), que dispõe de excelentes instalações, para divulgação da língua portuguesa neste país. Foi possível trazer a Porto Príncipe a cantora Leila Pinheiro e o Guitarrista Nelson Faria, para participarem da edição de 2018 do renomado Festival de Jazz de Porto Príncipe, realizado entre os dias 20 e 27 de janeiro de 2018. Pela qualidade da música apresentada, o chamado PaP-Jazz já se consagrou como o mais importante do gênero na região do Caribe e começa a atrair atenção mundial.